



**UEPB**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE HUMANIDADES OSMAR DE AQUINO  
DEPARTAMENTO DE LETRAS  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS - PORTUGUÊS**

**JAIRSLA CAROLINE LIMA DA ROCHA**

**AS CONTRIBUIÇÕES DA LÍNGUA TUPI NA FORMAÇÃO LEXICAL DO  
PORTUGUÊS BRASILEIRO**

**GUARABIRA  
2025**

JAIRSLA CAROLINE LIMA DA ROCHA

**AS CONTRIBUIÇÕES DA LÍNGUA TUPI NA FORMAÇÃO LEXICAL DO  
PORTUGUÊS BRASILEIRO**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Curso de Graduação em Licenciatura Plena em Língua Portuguesa, do *Campus* III, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de licenciada em Letras - Língua Portuguesa.

**Orientador:** Prof. Dr. Jackson Cícero França Barbosa

**GUARABIRA  
2025**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto em versão impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que, na reprodução, figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

R672c Rocha, Jaisla Caroline Lima da.

As contribuições da língua tupi na formação lexical do português brasileiro [manuscrito] / Jaisla Caroline Lima da Rocha. - 2025.

34 f.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2025.

"Orientação : Prof. Dr. Jackson Cícero França Barbosa, Departamento de Letras - CH".

1. Tupi. 2. Português brasileiro. 3. Substrato linguístico. 4. Formação lexical. 5. Identidade linguística. I. Título

21. ed. CDD 410

JAIRSLA CAROLINE LIMA DA ROCHA

AS CONTRIBUIÇÕES DA LÍNGUA TUPI NA FORMAÇÃO LEXICAL DO  
PORTUGUÊS BRASILEIRO

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado à Coordenação do Curso  
de Letras Português da Universidade  
Estadual da Paraíba, como requisito  
parcial à obtenção do título de  
Licenciada em Letras

Aprovada em: 03/06/2025.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado eletronicamente por:

- **Jackson Cicero França Barbosa** (\*\*\*.758.334-\*\*), em **11/06/2025 19:15:05** com chave **8701f118471111f081121a7cc27eb1f9**.
- **Anilda Costa Alves** (\*\*\*.495.064-\*\*), em **11/06/2025 20:01:48** com chave **0de84852471811f081ce1a1c3150b54b**.
- **Iara Ferreira de Melo Martins** (\*\*\*.358.724-\*\*), em **13/06/2025 16:03:59** com chave **29e754a4488911f099341a7cc27eb1f9**.

Documento emitido pelo SUAP. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QrCode ao lado ou acesse [https://suap.uepb.edu.br/comum/autenticar\\_documento/](https://suap.uepb.edu.br/comum/autenticar_documento/) e informe os dados a seguir.

**Tipo de Documento:** Folha de Aprovação do Projeto Final

**Data da Emissão:** 13/06/2025

**Código de Autenticação:** ccb84



Ao meu esposo, pela dedicação,  
companheirismo e suporte, DEDICO.

*Que língua nós apagamos para termos uma língua nacional (o português)? De que língua (ou línguas) foi preciso nos distanciar historicamente e quais as línguas que tiveram de ser silenciadas para que obtivéssemos uma língua portuguesa? (Orlandi, 1993, p.56)*

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b> - Alguns vocábulos indígenas e seus significados.....	22
---	----

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
2. ESTADO (ATUAL) DO CONHECIMENTO NA PESQUISA LINGUÍSTICA: ASPECTOS FORMATIVOS E IDENTITÁRIOS ENTRE O PORTUGUÊS E O TUPI.....	15
3. <i>STATUS QUO</i> DO TUPI NO BRASIL COLONIAL.....	18
4. ASPECTOS DA LÍNGUA TUPI NO LÉXICO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO.....	21
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	29
6. REFERÊNCIAS.....	30

# AS CONTRIBUIÇÕES DA LÍNGUA TUPI NA FORMAÇÃO LEXICAL DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

## THE CONTRIBUTIONS OF THE TUPI LANGUAGE TO THE LEXICAL FORMATION OF BRAZILIAN PORTUGUESE

Jairsla Caroline Lima da Rocha<sup>1\*</sup>

### RESUMO

Este artigo investiga as contribuições da língua tupi para a formação lexical do português brasileiro, com base em uma perspectiva histórica, linguística e sociocultural. A pesquisa foi desenvolvida com o objetivo de observar a mistura de algumas línguas indígenas, refletir sobre a riqueza da colaboração indígena em nossa língua e abordar a temática em sala de aula, como forma de reconhecimento da constante presença indígena em nosso cotidiano e combate à tentativa de apagamento pelos colonizadores. Para tanto, foi necessário analisar algumas pesquisas já existentes para entender como essa mescla de línguas começou e perpetua até os dias atuais. Realizou-se assim, uma pesquisa bibliográfica, denominada “estado da arte” (Ferreira, 2002) cujos dados analisam um fenômeno social: o sistema linguístico brasileiro e seus aspectos identitário-formativos. Partindo da compreensão do tupi como substrato linguístico (Ilari 2004a; 2004b) — ou seja, como uma língua pré-existente que influenciou significativamente a estrutura do idioma dominante —, a pesquisa refletiu, a partir de fonte teórica e *status* da agenda de pesquisa atual, como o contato prolongado entre indígenas e colonizadores resultou na incorporação de uma vasta gama de elementos lexicais, toponímicos e culturais à variante brasileira do português. O estudo evidencia que o léxico do português falado no Brasil carrega traços profundos da língua tupi, não apenas por meio de vocábulos associados à fauna, flora e geografia, mas também como expressão de uma identidade linguística própria, distinta da norma europeia. Nesses termos, compreendemos que o português brasileiro é, em sua constituição, um sistema híbrido, marcado pela presença viva das línguas indígenas. Ao reconhecer o tupi como um substrato, o trabalho reafirma sua relevância não apenas no plano linguístico, mas como pilar cultural e identitário na formação do Brasil, podendo-se concluir que apesar da grande diminuição da presença originária no dia a dia brasileiro, ainda há resistência nativa no nosso idioma.

**Palavras-chave:** tupi; português brasileiro; substrato linguístico; formação lexical; identidade linguística.

---

<sup>1\*</sup> Graduando/a do Curso de Licenciatura em Letras - Habilitação em Língua Portuguesa da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB/DL-CH, Campus III - Guarabira. Email: [jairsla.rocha@aluno.uepb.edu.br](mailto:jairsla.rocha@aluno.uepb.edu.br)

## ABSTRACT

This article investigates the contributions of the Tupi language to the lexical formation of Brazilian Portuguese, based on a historical, linguistic and sociocultural perspective. The research was developed with the objective to observe the mixture of some indigenous languages, reflect on the richness of indigenous collaboration in our language, and address the topic in the classroom, as a way of recognizing the constant indigenous presence in our daily lives and combating the attempt to erase them by colonizers. To this end, it was necessary to analyze some existing research to understand how this mixture of languages began and continues to this day. Thus, a bibliographical research was carried out, called “state of the art” (Ferreira, 2002), analyzing a social phenomenon: the Brazilian linguistic system and its identity-formative aspects. Based on the understanding of Tupi as a linguistic substrate (Ilari 2004a; 2004b) — that is, as a pre-existing language that significantly influenced the structure of the dominant language —, the research reflected, based on theoretical sources and the status of the current research agenda, how prolonged contact between indigenous peoples and colonizers resulted in the incorporation of a vast range of lexical, toponymic and cultural elements into the Brazilian variant of Portuguese. The study shows that the lexicon of Portuguese spoken in Brazil carries deep traces of the Tupi language, not only through words associated with fauna, flora and geography, but also as an expression of a linguistic identity of its own, distinct from the European norm. In these terms, we understand that Brazilian Portuguese is, in its constitution, a hybrid system, marked by the living presence of indigenous languages. By recognizing Tupi as a substrate, the work reaffirms its relevance not only in linguistic terms, but as a cultural and identity pillar in the formation of Brazil, and it can be concluded that despite the great decrease in the native presence in Brazilian daily life, there is still native resistance in our language.

**Keywords:** Tupi; Brazilian Portuguese; linguistic substrate; lexical formation; linguistic identity.

## 1 INTRODUÇÃO

A partir do século XVI, quando o Brasil passou pela colonização europeia, o nosso território nacional já era ocupado por povos originários. Essa informação é confirmada por pesquisas realizadas há mais tempo, como *A Ocupação Humana do Nordeste Brasileiro antes da Colonização*, de Carlos Etchevarne, publicada no ano de 2000, como em pesquisas mais recentes como *Revitalização e Retomada de Línguas - Consequências e Desafios*, realizada por Carlo Sandro Campos e publicada em 2023.

A investigação de Campos (2023) não só aborda essa questão, mencionada, por exemplo, no trecho “[...] ele permite que se tenha uma vaga ideia da diversidade linguística e cultural vultosa que existia na região antes da intervenção colonialista.” (Campos 2023, p. 98), como aborda a tentativa de genocídio linguístico por parte dos colonizadores aos povos originários.

Nesse contexto, depois de tantas denominações, a terra nomeada Brasil não estava vazia. A colonização trouxe uma mistura de línguas, incluindo as expressões, dialetos etc., já que os nativos faziam uso de seus próprios meios de comunicação e já haviam nomeado o que de seus arredores era conhecido, e possuíam sua cultura própria, crenças, e tinham seu próprio modo de viver.

Passando pelos meios de comunicação nativa, segundo Asón e Martín (2019), os povos originários eram ágrafos, ou seja, não praticavam a escrita que conhecemos hoje como meio de comunicação. Com isso, a linguagem utilizada para a comunicabilidade era especialmente oral, juntamente com gravuras denominadas pinturas rupestres. Desse modo, as pinturas realizadas em pedras eram utilizadas para registrar situações do cotidiano e a linguagem oral vinha como meio de sociabilidade e era nessa perspectiva que se tinha as línguas indígenas, que como mencionado anteriormente, nomeava o que se existia por aqui.

Sendo assim, segundo Campos (2023), o colonizador adentrou o país e não respeitou as línguas já existentes, impondo, forçadamente, o português que os acompanhou. Como vemos hoje no nosso cotidiano, o que prevaleceu foi a língua trazida pelo colonizador, entretanto, o contato com outras línguas pode ter deixado boas marcas na estrutura da língua portuguesa falada e escrita atualmente no Brasil, principalmente de uma perspectiva cultural, pois, segundo Diégues Junior (1990), a língua é um dos principais meios de transmissão da cultura e vivência de cada

grupo. Com base nesses pressupostos, o português que conhecemos possui contribuições não só exclusivamente do português europeu advindo dos colonizadores portugueses, mas também dos povos escravizados trazidos do continente africano na diáspora, e dos aqui já habitantes, os povos originários brasileiros, denominados: indígenas. Com isso, surge um questionamento: quais contribuições o tupi, língua indígena, deu para o português brasileiro?

Com isso, essa pesquisa usou de uma metodologia bibliográfica e buscou trazer informações que possivelmente responderão a essa pergunta usando um ponto de vista cultural, pois, de acordo com Diégues Junior (1990) o contato dos grupos dessa língua com os colonizadores se deu mais constante e direto, havendo a mistura de culturas distintas em que resultou em uma mescla linguística, mesmo que com um idioma predominante, o português.

Sabe-se, aliás, que a língua indígena, de modo geral o tupi, pois com grupos dessa língua foram mais imediatos e constantes os contactos dos colonizadores – e por isso se fala numa tupinização da linguagem portuguesa no Brasil – foi bastante usada nos períodos de colonização. (Diégues Junior, 1990, p. 16-17)

Nestes termos, este trabalho busca investigar as contribuições que a língua tupi deu para o português falado atualmente no Brasil, tendo em vista que, Segundo Navarro (2021), esta língua foi a que os colonizadores tiveram mais contato, além de ser mais falada que o português na época, resultando em uma influência maior na língua portuguesa em se tratando de formação lexical, pois, palavras foram criadas a partir de origens tupi e são faladas no cotidiano brasileiro, sem o devido reconhecimento.

Nesta perspectiva bibliográfica, trataremos nosso fazer investigativo a partir do que principia as pesquisas denominadas como “Estado da Arte” (Ferreira, 2002). Neste diapasão, a investigação da presença da língua tupi no português brasileiro encontra suporte essencial em múltiplas pesquisas, que permitem compreender de forma abrangente o percurso dos estudos já realizados sobre esse contato linguístico (Calvet, 2002). Esse tipo de levantamento sistemático não apenas organiza o conhecimento acumulado, como também evidencia as lacunas existentes, apontando direções para novos enfoques teóricos e metodológicos.

Um bom exemplo se justifica ao reunir a produção científica sobre a influência do tupi, essas pesquisas revelam que determinados aspectos, como a toponímia, como *Araruna* (ASCOM, 2024) e *Parnamirim* (Prefeitura Municipal de Parnamirim,

s.d) ou os nomes de fauna e flora, como *Arara*, *Jararaca*, *Ipê* e *Caju* (Neves, s.d. online). Esses nomes têm recebido maior atenção, enquanto outros, como o impacto nas variedades regionais do português, ainda carecem de investigações mais aprofundadas.

Rodrigues (2013) observa que a língua tupi, especialmente em sua forma antiga, teve ampla disseminação durante os séculos XVI e XVII, exercendo influência sobre o português falado pelos colonizadores e mestiços. Essa constatação, quando sistematizada por meio de revisões críticas, permite compreender como a incorporação lexical se deu em contextos históricos e sociais diversos, em geral mediados por relações de poder e dominação. Já para Navarro (2006), a influência tupi não se limitou à época colonial; sua permanência no léxico contemporâneo reflete processos de adaptação e resistência cultural que continuam a moldar a identidade linguística brasileira.

Ao articular múltiplos trabalhos sobre o tema, o estado da arte favorece o reconhecimento da diversidade de abordagens e teorias presentes nos estudos linguísticos. Ele também contribui para fortalecer o diálogo interdisciplinar, já que o fenômeno da influência do tupi extrapola a linguística e alcança campos como a antropologia, a história e a educação. A análise crítica das produções existentes amplia a compreensão sobre o papel da língua tupi na formação cultural do Brasil e favorece a valorização dos saberes indígenas, frequentemente marginalizados na historiografia linguística tradicional.

Além disso, a produção sistemática de estados da arte pode servir como instrumento importante para a formulação de políticas educacionais e linguísticas. Quando se evidencia, por exemplo, o modo como termos indígenas ainda fazem parte do vocabulário cotidiano, como “pipoca”, “abacaxi” ou “jacaré”, pode-se reconhecer a importância da inserção desses conteúdos em práticas pedagógicas que estimulem a valorização das línguas originárias. Como aponta Ribeiro (2000), a compreensão da formação do povo brasileiro implica necessariamente o reconhecimento das matrizes culturais indígenas e africanas que se amalgamaram à matriz europeia.

Nesse sentido, pesquisas de estado da arte sobre o tupi no português brasileiro não se limitam a mapear a produção acadêmica: elas contribuem para o resgate da memória linguística e para a valorização de um patrimônio que, embora muitas vezes invisibilizado, permanece vivo na fala e na cultura do país. É por meio

dessas sistematizações que se torna possível não apenas retomar o passado, mas também repensar o presente e projetar ações mais conscientes para o futuro da diversidade linguística no Brasil.

Nesse *hall* de justificativas, destacamos a necessidade de reconhecimento da essência indígena no português brasileiro. Muitos brasileiros veem seu sistema linguístico vernacular como advindo apenas de Portugal, sem possuir conhecimento da participação de populações originárias na construção da língua majoritária. Segundo Daiara Tukano, na exposição *Nhe'é Porã – Memória e Transformação* – realizada em 2023, com a não descoberta dos portugueses, mas sim invasão, deu-se início a um genocídio dos povos nativos, que junto a eles, se perderam suas culturas, identidades, sabedorias, e não menos importante, suas línguas. Sendo assim, há uma grande necessidade de propagar essas informações como forma de resistência, reconhecimento das línguas indígenas como patrimônio cultural (Museu das Culturas Indígenas, 2024) e respeito à nossa ancestralidade.

Nessa perspectiva, este tema é importante, pois, levando para a sala de aula, em diversificados aspectos formativos, mais brasileiros se darão conta das origens do nosso país a teor linguístico, e entenderão um pouco mais de como nossa língua foi formada, facilitando assim, a compreensão da estrutura do português atual e um pouco do porquê ela funciona de tal maneira.

Assim, como objetivo geral, iremos observar a mistura de algumas línguas indígenas com o português, tendo como objetivos específicos refletir sobre a riqueza da colaboração indígena em nossa língua e abordar a temática em sala de aula, como forma de reconhecimento da constante presença indígena em nosso cotidiano e combate à tentativa de apagamento pelos colonizadores.

Ademais, além desta seção introdutória, essa pesquisa terá mais quatro unidades, seguindo pelo tópico 2- Estado (Atual) do Conhecimento na Pesquisa Linguística: Aspectos Formativos e Identitários entre o Português e o Tupi, 3- Status Quo do Tupi no Brasil Colonial, 4- Aspectos da Língua Tupi no Léxico do Português Brasileiro, finalizando com 5- Considerações Finais e as referências usadas.

## **2 ESTADO (ATUAL) DO CONHECIMENTO NA PESQUISA LINGUÍSTICA: ASPECTOS FORMATIVOS E IDENTITÁRIOS ENTRE O PORTUGUES E O TUPI**

A formação do português brasileiro é um processo histórico complexo, marcado pela interação entre diversas matrizes linguísticas e culturais, dentre as quais se destaca, de modo preponderante, o substrato linguístico tupi. Essa contribuição, que transcende a simples influência lexical, está profundamente entrelaçada com a identidade cultural brasileira e a constituição social da nação. A relevância do tupi antigo, particularmente, para o enriquecimento do português falado no Brasil tem sido objeto de investigação em diferentes áreas do conhecimento, incluindo a linguística histórica, a sociolinguística, a etimologia e a educação linguística. Nesta seção, apresentamos uma análise crítica e articulada dos principais trabalhos que abordam a influência do tupi na formação do português brasileiro, destacando como cada autor discute aspectos abstratos e concretos dessa contribuição, a fim de oferecer um panorama abrangente para fundamentar esta monografia.

Um dos trabalhos fundamentais para compreender a dimensão didática e linguística da influência tupi no português brasileiro é o de Cunha (2023), que explora as adaptações fonético-fonológicas, morfológicas e semânticas das palavras indígenas do tronco tupí ao serem incorporadas ao português. A autora realiza uma pesquisa de caráter pedagógico, embasada na aplicação de oficinas pedagógicas que visam não apenas resgatar o vocabulário indígena, mas também ao fortalecimento da identidade cultural dos estudantes. Segundo Cunha, “a língua constitui-se, também, como um mecanismo de sobrevivência” (Cunha, 2023, p. 110), o que reforça a urgência de preservar e valorizar os elementos indígenas presentes na língua portuguesa falada no Brasil.

Além disso, Cunha (2023) destaca que o desconhecimento, especialmente entre estudantes da educação básica, sobre a origem indígena de inúmeras palavras do português brasileiro revela uma lacuna significativa na formação histórica e linguística dos cidadãos. A autora argumenta que a aprendizagem em grupos, por meio de atividades interativas e colaborativas, potencializa a apropriação do conhecimento sobre as contribuições tupis, especialmente no que concerne às adaptações morfológicas e semânticas, mais facilmente assimiladas que as adaptações fonético-fonológicas, dadas as suas complexidades (Cunha, 2023). Esse

enfoque mostra a importância de uma metodologia pedagógica que fomente o protagonismo estudantil e a reflexão crítica sobre a diversidade cultural e linguística do país.

Outra vertente importante da pesquisa sobre o substrato tupi na língua brasileira está na interface entre a linguística histórica e os estudos toponímicos. No estudo de Santos (2019), observamos uma análise aprofundada da influência do tupi na nomenclatura geográfica brasileira, destacando como a etimologia dos nomes de lugares pode ser entendida como um fenômeno linguístico e socio-histórico. Santos utiliza o radical tupi *ita* (“pedra”) para demonstrar a relevância do uso de corpus datados e localizados e da compreensão dos processos de mudança linguística para analisar nomes como Itabaiana, Itabaianinha e Itaporanga d’Ajuda, entre outros municípios sergipanos.

Este trabalho ressalta a importância de uma abordagem interdisciplinar e crítica para combater interpretações equivocadas e etimologias populares sem respaldo histórico, “colaborando para ressaltar a necessidade de estudos abalizados na área” (Santos, 2019, p. 38). A análise sócio-histórica, aliada à linguística histórica e à filologia, permite não apenas a reconstrução da gênese desses nomes, mas também revela a complexa relação entre língua, identidade e política territorial que configura a paisagem cultural do Brasil. Santos (2019) contribui assim para uma compreensão mais profunda do substrato tupi, apontando que os topônimos são registros vivos da interação entre comunidades indígenas e colonizadores, e elementos essenciais para o resgate histórico-cultural da nação.

Por sua vez, o trabalho de Góis e Martins (2019) discute a pluralidade linguística brasileira a partir de um enfoque sociolinguístico crítico, defendendo a importância do ensino do tupi antigo como uma estratégia para fortalecer a identidade linguística e cultural do Brasil. Os autores argumentam que a variante brasileira do português não pode ser compreendida como uma simples derivação do português europeu, mas sim como uma língua enriquecida e singularizada por seus contatos históricos, especialmente com o tupi. Eles afirmam que “numa sociedade marcadamente mestiça, sua diversidade deve ser ensinada à população, favorecendo seu amadurecimento intelectual e cidadão” (Góis; Martins, 2019, p. 422).

Esse trabalho amplia o debate para além do reconhecimento lexical, propondo que o ensino da língua portuguesa incorpore uma dimensão sociocultural

que permita aos estudantes compreender a inexistência da pureza linguística e cultural, bem como os valores do convívio social em sociedades plurais. Os autores indicam uma vasta gama de possibilidades para o ensino da influência tupi, desde a ortografia até o estudo de nomes próprios, toponímicos e elementos da fauna, flora e culinária brasileiros de origem indígena, ressaltando a necessidade do desejo e da vontade política para efetivar essa inclusão no currículo escolar.

Ao analisar conjuntamente esses trabalhos, observa-se que eles convergem para uma compreensão multidimensional da presença tupi no português brasileiro. Enquanto Cunha (2023) enfatiza a dimensão didático-pedagógica e linguística das adaptações das palavras indígenas, Santos (2019) amplia o foco para a dimensão histórico-cultural, evidenciando a relevância da linguística histórica para a análise crítica dos nomes geográficos e para a preservação do patrimônio cultural. Góis e Martins (2019), por sua vez, colocam em relevo a importância do ensino e da conscientização sociolinguística para a formação identitária dos sujeitos em uma sociedade mestiça, propondo o resgate ativo das contribuições indígenas para o português brasileiro.

Essa articulação revela que o tupi antigo não deve ser entendido como um elemento estático ou simplesmente arqueológico da língua, mas como um substrato vivo que influencia e molda práticas linguísticas e culturais contemporâneas, sendo imprescindível sua valorização no âmbito educacional e acadêmico. Ao mesmo tempo, destacamos a necessidade de métodos de pesquisa rigorosos e interdisciplinares que considerem tanto os aspectos linguísticos internos (fonológicos, morfológicos, semânticos) quanto os contextos históricos e socioculturais em que tais elementos foram incorporados, garantindo uma compreensão plena e precisa das contribuições tupis.

Evidenciamos, a partir da revisão da literatura aqui apresentada que o estudo do tupi na formação do português brasileiro perpassa diversas disciplinas e abordagens metodológicas, todas fundamentais para a compreensão de um fenômeno linguístico-cultural que é simultaneamente histórico, identitário e pedagógico. Os autores analisados reforçam a importância de que a educação formal assuma o compromisso de transmitir este conhecimento, combatendo o desconhecimento e a desinformação sobre as origens linguísticas brasileiras, e promovendo o reconhecimento da diversidade como valor cultural e social.

A incorporação dos estudos sobre o tupi antigo nas práticas educacionais e nos estudos linguísticos amplia o entendimento da língua portuguesa falada no Brasil, propiciando a valorização das matrizes indígenas e contribuindo para a formação de sujeitos críticos, conscientes de sua história e da complexidade sociocultural do país.

### **3 STATUS QUO DO TUPI NO BRASIL COLONIAL**

A partir do que foi discutido, no século XVI, com a chegada dos colonizadores europeus, o território brasileiro que viria a ser por eles explorado, já contava com seus habitantes nativos. Esses, no entanto, não possuíam uma língua oficial para todo o país, e sim, inúmeras línguas faladas por povos diversos, como aponta Simas (2023):

O Brasil possui um rico patrimônio cultural material e imaterial, por isso é considerado um país multilíngue e pluricultural. Acredita-se que, em idos de 1.500, antes da “descoberta” e do período colonial, eram faladas, no território brasileiro, mais de mil línguas nativas pelos mais de dois milhões de indígenas que o habitavam, divididos em mais de mil etnias. (Simas, 2023, p. 01)

Nesse sentido, segundo o Museu da Língua Portuguesa no artigo: *Os povos indígenas e o português do Brasil*, publicado em 31 de agosto de 2022, há uma estimativa de que no Brasil colonial, havia 1500 povos indígenas distintos, falantes de aproximadamente 1200 línguas diferentes.

Atualmente os dados mais recentes do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE apontam o registro de 274 línguas indígenas diferentes faladas por 305 etnias, dentro desses povos, encontram-se dois cenários: os falantes de sua própria língua nativa como língua materna e o português como segunda língua; e os não falantes da língua oficial brasileira. Esses dados são do censo de 2010, não sendo possível afirmar uma estimativa mais recente publicada.

Com isso, podemos perceber a queda drástica da quantidade de línguas e povos indígenas existentes no Brasil do século XVI ao XX. São vários os motivos que levaram a essa diminuição severa, como: proibição, guerras, epidemias e extermínio. Além disso, o governo não dá o devido suporte para que as línguas resistentes permaneçam existindo, com base no que postula Simas (2023):

Atualmente a perda linguística ocorre pela crescente escolarização somente em português. Apesar de a Carta Magna do Brasil garantir o ensino das

línguas indígenas e seus processos próprios de ensino-aprendizagem, este direito fica restrito às escolas das aldeias, localizadas em terras indígenas (TI). Logo, os indígenas que migram para as urbes têm somente o ensino escolar via língua portuguesa, o que leva os nativos a irem paulatinamente substituindo sua língua indígena pela língua dominante e, na maioria das vezes, neste contexto urbano, só há transmissão da língua portuguesa a novas gerações. (Simas, 3023, p. 03)

Contudo, como é bem sabido na história do Brasil, os europeus se instalaram no país, inicialmente com o objetivo de explorar as riquezas aqui existentes. Entretanto o objetivo inicial se expandiu e surgiu uma intenção de propagar seus próprios costumes, língua, crença e etc., ou seja, tomar posse, ter todo o controle sobre as terras brasileiras e seus habitantes.

Para isso, em relação à crença e religião portuguesa, vieram para cá os missionários da Companhia de Jesus, os jesuítas, com o objetivo de converter os nativos para a fé cristã católica trazida por eles, afirmação ancorada pelo pensamento de Pontes (2021):

A colonização tinha por objetivo principal extrair as riquezas das terras recém descobertas e exportá-las para a metrópole. Portanto, para os colonos conseguirem se manter no poder e “controlar” a população de acordo com seus interesses, foi necessário algum meio de induzir e envolver os nativos nessa nova forma de organização social, apesar dos constantes atos de resistência. Somente a opressão e a violência não seriam suficientes para manter a lógica colonial. Nesse cenário, a Igreja se torna extremamente importante para a manutenção da ordem social que estava sendo imposta. (Pontes, 2021, p. 01)

Partindo desse pressuposto, com a informação acima em mãos, surge a indagação: como os jesuítas faziam para se comunicar com os nativos, fazendo com que ambas as partes se compreendessem? Pois bem, os missionários da companhia jesuítica propuseram-se a aprender duas das línguas aqui presentes: o tupi (Tupinambá), e o quiriri, para que assim, pudessem atingir seus objetivos religiosos, havendo a compreensão linguística necessária entre eles e os povos originários. Podemos encontrar essas afirmações nas pesquisas de Batista (2005) e Pontes (2021):

Esses missionários (em consonância com o que outros missionários faziam ao redor do mundo) aprenderam algumas das línguas indígenas<sup>2</sup> utilizadas no território colonial, promovendo a gramatização<sup>3</sup>, isto é, a produção de artes de gramática<sup>4</sup>, de duas línguas indígenas (tupi antigo<sup>5</sup> e quiriri) faladas no Brasil colonial nos séculos XVI e XVII. (Batista, 2005, p. 01)

Assim, os missionários sentiram a necessidade de compreender as línguas faladas e tentaram criar “dicionários” para facilitar esse contato, medida que

foi utilizada em vários locais e por diversas ordens religiosas. O objetivo da catequização era colocar os povos originários na doutrina cristã e, por efeito disso, terem a graça divina e serem libertos dos seus pecados. (Pontes, 2021, p.01)

Entretanto, mesmo sendo apresentadas dificuldades, afinal, nem todos os nativos aceitaram de imediato as propostas feitas pelos jesuítas, eles foram, pouco a pouco, formando o legado (seja este bom ou ruim) na miscigenação linguística presente atualmente no português, usando pouquíssimas línguas existentes, a exemplo do já mencionado Tupinambá, também conhecido como Língua Geral até mesmo nos dias de hoje. (Diferenciando-a das línguas gerais: Amazônica Paulista).

Além disso, para a comunicação entre essas pessoas, houve a implantação do português para os que aqui viviam, e para os que foram trazidos à força de suas terras natais para trabalho escravo na exploração colonizadora. Esse fato da miscigenação se comprova quando paramos para analisar a nossa língua e encontramos palavras como: macumba, acarajé, canjica, axé, dengo, e etc. Todas essas são de origem africana e utilizadas no nosso dia a dia atual.

Contudo, no que se refere à catequização dos povos originários pelos jesuítas - através das escolas jesuíticas - nem sempre eles e suas práticas foram aceitas. Em 1759, foi o Marquês de Pombal quem decidiu que o Estado merecia mais atenção do que a igreja católica. Com isso, houve a expulsão dos jesuítas das colônias e a proibição do uso do Tupi, tornando-se o português a língua oficial brasileira; fato este bem conhecido no que se refere à história do país e seu (s) idioma (a).

No entanto, até os dias atuais ainda é possível notar a resistência do tupi em meio a nossa comunicação, e como dito anteriormente, as palavras de valores culturais africanos que encontramos na nossa língua.

É importante esclarecer um pouco sobre este importante fato ressaltado acima, segundo Diégues Junior (1990), encontramos influência africana no “adoçamento na maneira de tratar.” A autora cita os exemplos “dodói, neném, pipi, bumbum, dindinho, betinho, ioiozinho” para explicar o que significa esse adoçamento, e, podemos perceber, através das palavras do autor de referência que se trata de palavras com sílabas duplicadas e com sufixo diminutivo, comprovando essa herança linguística “amolecida” implantada pela convivência com os africanos.

Entretanto, o foco da presente pesquisa se volta para o tupi. Sendo assim, o ideal é entender o básico desse instrumento de comunicação, visto que, o referido

instrumento se trata de um tronco linguístico, onde é possível encontrar as famílias linguísticas relacionadas a ele. No texto de Silveira (2020) para o site da UFMG - Espaço do Conhecimento, encontramos os seguintes dados: sendo o tupi o tronco, temos as famílias: Tupi- Guarani, Arikém, Awetí, Juruna, Mawé, Mondé, Poruborá, Mundurukú, Ramarama e Tuparí, totalizando 10 (dez) famílias. Além desse tronco, temos o Macro-Jê com 09 (nove) famílias, sendo elas: Boróro, Krenák, Guató, Jê, Karajá, Maxakalí, Rikbaktsá, Ofayé e Yatê. Ainda nesta fundamentação teórica veremos alguns exemplos de dialetos que usamos no português, oriundos do tupi.

#### **4 ASPECTOS DA LÍNGUA TUPI NO LÉXICO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO**

O Tupi antigo, ou Tupinambá, foi a língua com a qual os colonizadores tiveram mais contato para que fosse possível a tomada de posse das terras brasileiras. Sendo assim, as contribuições linguísticas no português atual são mais presentes, e encaram maior território no país, com dialetos que são conhecidos por boa parte da população, mesmo que o país inteiro tenha para uso um idioma tão heterogêneo.

Assim, vemos essa heterogeneidade quando vamos para um estado vizinho, por exemplo; as gírias, os ditados, o sotaque, são todos muito bem perceptíveis para quem chega de fora, e os observam. Os habitantes de cada região do país falam a mesma língua, de forma variada; variedade essa presente não só de região para região, como até mesmo de estado para estado, na mesma região.

Não só a comunicação dos portugueses foi influenciada, como de acordo com as palavras de Magalhães (1990), o Tupinambá, por sua vez, também sofreu influência do português, assim como vice versa. Essa ingerência da língua do “homem branco” sobre a indígena gerou uma transformação denominada Nheengatú, ou Tupi Moderno. (Navarro, 2012).

Nessa perspectiva observamos, a grosso modo, como a nossa comunicação usada no Brasil atual do século XXI, é mista. Predominantemente nos comunicamos com o português, língua majoritária brasileira, e por mais que a maioria dos habitantes brasileiros não se dê conta, não percebam, ou não se interessem, o Tupi está presente no nosso dia a dia, até mesmo de forma automatizada, que os indivíduos não param para analisar com frequência, ou até mesmo, não se questionam.

Vemos aqui uma pauta interessante: de onde vêm certas palavras? São todas, sem exceção de origem europeia? São algumas de origem indígena através do contato com os nativos? Há outras influências na língua? Bom, de certa forma, sim; já pudemos perceber este fato na seção anterior, através dos exemplos africanos.

Mas, e as línguas indígenas? Quais são as palavras que usamos no dia a dia, que vêm de nossos ancestrais nativos brasileiros? Podemos perceber através da fala cotidiana que essas contribuições, em se tratando de nível lexical, podem ser vistas em nomes de cidades, comidas, vegetação (fauna e flora), animais e assim por diante.

Logo, a seguir, tomaremos conhecimento de alguns dos diversos exemplos pautados por alguns autores que podemos encontrar facilmente em busca na internet. Depois de ler e parar para refletir, podemos ver o quão rica de ancestralidade é a nossa comunicação.

**Quadro 01** - Alguns vocábulos indígenas e seus significados

VOCÁBULO	SIGNIFICADO	FONTE
AÇAÍ	Vem do tupi <i>iwasa'i</i> , significando “fruto que chora”. O açaí é um fruto considerado símbolo da cultura alimentar amazônica, principalmente do Pará.	Oliveira, 2024
AÇU/ASSU	“O nome Açú tem origem na “Taba-açu” (Aldeia Grande), uma área de agrupamento de indígenas guerreiros da região.”	(Prefeitura do Assu, s.d) Encontramos, no Rio Grande do Norte, um município com este nome.
ABACAXI	substantivo masculino composto por <i>ibá</i> ‘fruto’ e <i>caxi</i> ‘recentente’. Abacaxi é, portanto, um ‘fruto que tem um cheiro agradável, fragrante’.	Henrique de Felipe, 2018

VOCÁBULO	SIGNIFICADO	FONTE
ARARUNA	“araúna, ave preta (araraúna, ara, una, itaúna)” (GOV, s.d) Também recebe este nome uma cidade da Paraíba. “Araruna é um Município Brasileiro do Estado da Paraíba, estando compreendida na mesorregião do Agreste Paraibano, na microrregião do Curimataú Oriental.”	ASCOM, 2024
ARACY	substantivo feminino composto por ara ‘dia’, ‘luz’ e cy ‘mãe’. Aracy significa, então, ‘mãe do dia, mãe da luz’.	Henrique de Felipe, 2018
BEIJU	Tem origem no tupi mbe'yu, com o sentido de “bolo de farinha de mandioca”.	Oliveira, 2024
EMPIPOCAR	derivado do Tupi [pi'p ka], "estalando a pele", + {em-} {-ar}, afixos do Português.	Góis & Martins, 2019
GUARANÁ	Vem do tupi wara'ná e é tradicionalmente cultivado pelos maués, uma etnia na região da Amazônia, onde o cultivo é ancestral.	Oliveira, 2024
PAÇOCA	do tupi-guarani paçoca = esmagar com as mãos. (Unit, 2022). É assim que conhecemos um doce típico brasileiro, feito de uma mistura homogênea entre amendoim e açúcar.	Unit, 2022
PARNAMIRIM	“Paraná-mirim” da língua tupi, que significa “rio pequeno”, de paranã “rio volumoso; mar” + mirí “pequeno.	Prefeitura Municipal de Parnamirim, s.d
PIPOCA	– Pipoca: substantivo feminino que, ao pé da letra, significa ‘pele que arrebenta’, pois é composta por pi ‘pele’ e poc (ou pog) ‘arrebentar’.	Henrique de Felipe, 2018

**Fonte:** Elaboração própria, com base nos estudos consultados e referenciados nesta pesquisa (2025).

Os exemplos citados na tabela acima são apenas algumas das muitas palavras que podem ser encontradas no português brasileiro, tendo em vista que se trata de um superestrato, tendo o tupi como substrato, que se refere ao processo de influência de uma língua originária à língua dominante, como sugere Moreira (2005):

Segundo este conceito, quando uma nação domina sobre outra, impondo-lhe sua cultura, a tendência natural é que a língua do povo dominador sofra alterações por receberem influências da língua do povo dominado que não desaparece. Entretanto, sobrevive através de vocábulos incorporados ao vernáculo imposto. (Moreira, 2005., p. 06)

A partir dessa perspectiva, é possível inferir que os colonizadores europeus conseguiram impor sua língua sobre os povos originários, que segundo Soares e Rocha (2023), trata-se de uma demonstração de poder sobre o povo colonizado, “Sendo assim, a língua é (e sempre foi) um instrumento de dominação.” (Soares; Rocha, 2023, p. 3-4) porém, a língua tupi permanece marcando presença no dia a dia dos brasileiros, apesar das tentativas de linguicídio, como postulado pelos autores:

É importante lembrar que, desde 1500 até os dias atuais, em diversas ocasiões e também por meio de leis, as línguas nativas foram proibidas e substituídas pela língua portuguesa, considerada, na ótica dos colonizadores, culta e ideal. No momento em que isso acontece, um patrimônio imaterial está ameaçado de extinção; a assimilação cultural desses povos parece ser prenunciada. (Soares; Rocha, 2023, p. 04)

Com isso, percebemos a força que as línguas dos povos originários possuem. Essa indagação é confirmada com a formação da Língua Geral que advém do Tupi Antigo. Essa chamada Língua Geral foi formada pelos colonizadores para comunicação com os indígenas, como postula Navarro (2012):

Essa língua supraétnica nasceu do Tupi Antigo, usado na maior parte da costa brasileira no tempo da chegada dos portugueses, em 1500. [...] Podemos dizer que o Tupi foi falado até o final do século XVII, após o que se foi transformando na Língua Geral, em seus dois principais ramos, a Amazônica e a Meridional. (Navarro, 2012, p. 01)

Contudo, a presença da Língua Tupi/Língua Geral é percebida no léxico do português, especialmente em vocabulários toponímicos. Em outras palavras, a maioria das contribuições estão em nomes de lugares, nomeando também elementos da fauna e flora brasileira. Essa resistência é importante para que o português brasileiro se diferencie do português europeu e mantenha a essência originária. A questão da maior influência no português advinda de línguas indígenas ser do tupi é abordada na pesquisa de Navarro (2021), que diz:

O tupi antigo foi, assim, em razão de sua grande extensão geográfica, valorizado pelos europeus como um instrumento eficaz e indispensável de comunicação com os aborígenes e com seus descendentes mamelucos. Sem se conhecer tal língua, tornava-se difícil viver na nova terra. Isso porque ela era mais falada do que o português no século XVI. Os nomes das plantas e dos animais do Brasil, dos alimentos da terra, dos utensílios

domésticos, dos instrumentos de trabalho, grande parte deles provinha da língua dos indígenas. O português do Brasil recebeu, assim, forte influência daquela língua da costa em seu léxico. (Navarro, 2021, p. 03)

Nesse sentido, a presença da língua tupi no português falado no Brasil é um fenômeno que transcende a mera coexistência de idiomas distintos em um mesmo território. O tupi não apenas sobreviveu ao processo de colonização portuguesa, mas também se infiltrou de forma profunda e duradoura na língua dominante, desempenhando o papel de substrato linguístico. Isso significa que, embora o português tenha se consolidado como o idioma majoritário e hegemônico, ele carrega, em sua estrutura e, principalmente, em seu vocabulário, traços significativos da língua indígena que o precedeu.

Como observa Silveira (2020, *online*) "o português brasileiro carrega traços indígenas desde a sua origem", sendo o tupi a principal fonte dessa influência. Palavras como *abacaxi*, *tatu*, *caju* e *mandioca* não são apenas empréstimos lexicais: elas revelam uma adaptação cultural e linguística à realidade do novo território colonizado, onde a flora, a fauna e o cotidiano dos povos originários precisaram ser nomeados e compreendidos pelos colonizadores. Essa assimilação lexical não se restringe ao vocabulário da natureza. O tupi também está presente em construções toponímicas, como *Ibirapuera*, *Tietê*, *Pindamonhangaba* e inúmeras outras que ainda hoje nomeiam cidades, bairros, rios e serras em todo o Brasil.

Moreira (2005) destaca que essa influência se deu sobretudo pelo contato direto e intenso entre colonizadores e povos indígenas, o que levou à criação da chamada "língua geral", uma mescla funcional de português com tupi. Essa língua, usada amplamente nas interações cotidianas entre brancos e indígenas, serviu de ponte para a comunicação e, ao longo do tempo, acabou deixando marcas duradouras na formação do português brasileiro. Ela não foi um idioma marginal: foi, por séculos, a principal forma de comunicação em vastas regiões da colônia, ensinada inclusive aos filhos dos colonizadores.

Essa convivência linguística contribuiu decisivamente para que o português do Brasil se distanciasse do português europeu. Como afirma Rodriguez (s.d. *online*) "o português falado no Brasil foi fortemente influenciado pelas línguas indígenas e africanas, principalmente o tupi", o que explica não apenas o léxico peculiar, mas também estruturas sintáticas e até mesmo aspectos prosódicos que diferenciam o português brasileiro de sua matriz lusitana.

Portanto, dizer que o tupi é um substrato do português brasileiro não é apenas reconhecer a origem de algumas palavras; é admitir que a língua portuguesa, ao se enraizar em solo brasileiro, teve de se adaptar a uma realidade linguística anterior e robusta, moldando-se a ela. Essa adaptação não foi superficial, mas estrutural. Como resultado, a língua portuguesa no Brasil carrega a marca profunda da resistência e da contribuição indígena — uma presença invisível, mas constante, que confirma o tupi como uma base silenciosa, porém fundamental, da nossa forma de falar.

Com base nos trabalhos de Cunha (2023), Santos (2023) e Góis e Martins (2023), é possível compreender que a contribuição do tupi antigo para o léxico do português brasileiro é ampla, diversificada e estrutural. Trata-se de uma influência que vai além do mero empréstimo vocabular, alcançando também âmbitos semânticos, fonológicos, morfológicos e identitários.

O tupi antigo forneceu ao português brasileiro uma quantidade expressiva de vocábulos, sobretudo nos domínios da fauna, flora, toponímia e elementos da vida cotidiana. Essa incorporação foi facilitada pela convivência intensa entre colonizadores e povos indígenas, sobretudo nos séculos XVI e XVII. Como exemplifica Góis e Martins (2023), é possível ensinar vocabulário com base em itens lexicalizados de origem tupi como nomes de animais ("arara", "jacaré", "sucuri"), de frutas ("jabuticaba", "guaraná", "pitanga"), de comidas ("tapioca", "beiju", "pamonha") e de localidades ("Pindamonhangaba", "Umuarama", "Itabaiana").

Na toponímia, como destaca Santos (2019), o uso recorrente do radical **ita** (pedra) em nomes de cidades sergipanas como *Itabaiana*, *Itabaianinha*, *Itaporanga* e *Itabi* demonstra não apenas a inserção lexical, mas também a dimensão simbólica da língua tupi na formação geocultural do território brasileiro. Segundo o autor, esses nomes "podem ser tomados como dados linguísticos, como evidências históricas e como objetos histórico-culturais" (Santos, 2019, p. 453).

Mais do que nomear objetos, a língua tupi contribuiu para a formação de uma visão de mundo incorporada ao português falado no Brasil. Muitos termos expressam uma relação ecológica e cosmológica com o mundo natural. Um exemplo significativo é a palavra *piracema* (de *pira*, peixe + *sema*, sair), que descreve um fenômeno natural conhecido e nomeado pelas populações indígenas antes da colonização europeia.

Essa forma de nomear o mundo a partir de categorias indígenas representa uma reorganização semântica do português brasileiro. Como afirmam Góis e Martins (2019), “as sociedades são complexas” e o contato entre diferentes culturas e línguas gerou uma variante portuguesa mestiçada, cuja riqueza lexical reflete sua diversidade histórica.

Como já vimos, Cunha (2023) discute como o português brasileiro assimilou termos tupis adaptando-os foneticamente e morfológicamente ao sistema da língua portuguesa. Essa permanência fonológica permite reconhecer as origens indígenas de muitos termos populares. A morfologia tupi também influenciou nomes compostos e expressivos, que mantêm padrões de aglutinação da língua original, como *Paranapanema* (paraná = mar, panema = sem peixes) ou *Itaquaquecetuba* (ita = pedra, quaqué = muitas, cetuba = lugar).

A influência tupi no léxico também se manifesta como um elemento identitário. Ao reconhecer a língua tupi como parte fundadora do português brasileiro, reconhece-se a identidade linguística como resultado de processos históricos de contato e mestiçagem. Góis e Martins (2019, p. 01) afirmam que “numa sociedade marcadamente mestiça, sua diversidade deve ser ensinada à população” para favorecer seu amadurecimento como cidadãos conscientes da complexidade linguística e cultural.

O léxico tupi não apenas é uma herança do passado, mas uma evidência da convivência entre culturas, da resistência e da permanência dos saberes indígenas. Como tal, deve ser valorizado, estudado e incluído nas práticas educacionais e no ensino de língua portuguesa, como propõem todos os autores analisados e a Lei 11.645/08, que segundo Cruz e Jesus (s.d. *online*), inclui a obrigatoriedade do ensino da história e cultura indígena em sala de aula; categorias que incluem as línguas.

O tupi antigo é uma das matrizes lexicais mais importantes do português brasileiro. A partir dele, formou-se um vocabulário próprio, com forte valor semântico, fonológico, morfológico e identitário. Essa contribuição deve ser compreendida não apenas como um legado lexical, mas como expressão viva da história linguística e cultural do Brasil.

Outrossim, De acordo com as reflexões de Rodolfo Ilari (2004a; 2004b) podemos intuir que a influência das línguas indígenas — sobretudo do tupi — na formação do português brasileiro deve ser entendida dentro da perspectiva do

contato linguístico prolongado e assimétrico, característico do processo de colonização. Ilari (2004b) enfatiza que o português brasileiro não é uma simples extensão do português europeu, mas um sistema linguístico que se constituiu em solo americano sob a influência de diversas línguas, entre as quais o tupi se destaca como um substrato relevante.

Com isso, refletimos sobre o conceito de substrato (Ilari, 2004a), que, no seu sentido técnico, refere-se à influência de uma língua que foi inicialmente predominante em uma determinada região, mas que foi gradualmente substituída por outra — nesse caso, o tupi pelo português. Contudo, essa substituição não apagou os traços da língua anterior. Ao contrário, como observa Ilari (2004a), a língua que se sobrepõe absorve marcas da língua suplantada, especialmente no plano lexical, mas também — em contextos mais profundos de contato — em aspectos sintáticos, fonológicos e até pragmáticos.

Assim, o tupi deixou um legado no português do Brasil que vai muito além do vocabulário. Como discutido anteriormente, palavras como *abacaxi*, *caju*, *mandioca* ou *jacaré* são apenas os exemplos mais visíveis dessa herança. Para Ilari (2004b), no entanto, o impacto do tupi é também perceptível na musicalidade e na prosódia do português brasileiro, além de influenciar a maneira como a língua organiza certas estruturas. Isso inclui, por exemplo, a preferência por construções sintáticas mais diretas e o uso de formas mais analíticas em vez das sintéticas, tendência que alguns estudiosos associam à interferência de línguas indígenas como o tupi.

Outro ponto que Ilari (2004b) destaca é que a constituição do português brasileiro não pode ser explicada apenas por mudanças internas à língua portuguesa. É preciso considerar os múltiplos agentes históricos, sociais e linguísticos envolvidos em seu desenvolvimento. Nesse quadro, o tupi exerce o papel de substrato justamente porque foi a língua presente no território antes da imposição do português e continuou a influenciar este último por meio da convivência diária, da transmissão cultural e da formação de uma língua geral que chegou a ter estatuto quase oficial em várias regiões da colônia.

A partir das contribuições de Ilari (2004a; 2004b), reforçamos, portanto, que o tupi não é apenas uma língua que emprestou palavras ao português — é uma base linguística que ajudou a moldar o português brasileiro tal como o conhecemos. Sua condição de substrato é evidência de que o português do Brasil foi, desde o início,

uma língua de contato, formada a partir da interação entre sistemas distintos, entre os quais o tupi ocupa posição central.

## 5- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho se propôs descrever, com postura analítica, a partir de trabalhos e contribuições teóricas preexistentes, como o léxico da nossa língua materna se mantém da presença de elementos de sistemas indígenas presentes no vocabulário português. Após toda a leitura, podemos perceber que de fato, há uma grande herança linguística deixada por nossos ancestrais, os povos originários brasileiros.

Em face das análises desenvolvidas ao longo desta pesquisa, torna-se evidente que o tupi ocupa um lugar de destaque como substrato do português brasileiro. A constatação de que esta língua indígena não apenas precedeu historicamente o português em território americano, mas também deixou marcas profundas e estruturais na formação do português falado no Brasil, reafirma o caráter híbrido e multifacetado do nosso sistema linguístico. Ao considerar o tupi como substrato, reconhecemos que sua influência vai além de simples empréstimos lexicais: ela se manifesta na toponímia, na construção de uma prosódia específica, na sintaxe e, sobretudo, na constituição de uma identidade linguística própria, distinta daquela do português europeu.

A forte presença de termos indígenas no vocabulário cotidiano — como *caju*, *mandioca*, *tatu* ou *abacaxi* — e nos nomes geográficos que moldam nossa paisagem, como *Ibirapuera* e *Tietê*, revela que o português brasileiro foi, desde o início, atravessado por práticas culturais e formas de conhecimento originárias dos povos indígenas. Essa convivência linguística, consolidada por meio da “língua geral” e de outras formas de contato prolongado, sedimentou-se como base viva de nossa fala, refletindo não apenas aspectos linguísticos, mas também sociais e históricos.

Nesse sentido, os estudos de autores como Rodolfo Ilari (2004) e os documentos científicos analisados em estado de conhecimento reafirmam que a língua portuguesa no Brasil não é um reflexo direto da variante europeia, mas sim um sistema autônomo, resultante de um complexo processo de hibridização. A

presença do tupi nesse processo é estruturante, e sua condição de substrato não se limita a uma herança passiva, mas representa uma contribuição ativa e criadora na formação do português brasileiro.

Assim, ao reconhecer o tupi como substrato do português no Brasil, reafirmamos também a presença indígena como parte constitutiva de nossa identidade linguística e cultural. Essa conclusão reforça a necessidade de valorização dos saberes e das línguas indígenas, não apenas como patrimônio histórico, mas como componentes vivos e fundadores do modo como falamos, pensamos e nos reconhecemos enquanto sociedade brasileira.

Entretanto, enfatizamos a importância desse reconhecimento, afinal, nós os brasileiros nos tornamos um povo miscigenado, e essa miscigenação se manifesta também no léxico de nossa língua. Isso quer dizer que apesar do Brasil ter sido invadido no século XVI, os colonizadores não foram capazes de apagar a existência dos nativos, apesar das tentativas. Esses povos ainda existem e resistem até os dias de hoje.

Logo, esta pesquisa trouxe também um pouco dessa resistência identitária, mostrando quais contribuições a língua portuguesa recebeu dos indígenas, enfatizando o quão necessário é que se dê atenção a este assunto, reconhecendo e validando a presença nativa no nosso cotidiano, principalmente na comunicação.

## REFERÊNCIAS

ALVES FILHO, José Luiz. **A invenção colonial das línguas da América**. Alfa: Revista de Linguística, São José do Rio Preto, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/alfa/a/VBdjMZQLxnXn4kY99zXgNzn/>. Acesso em: 21 maio 2025.

BATISTA, Ronaldo de Oliveira. **Descrição de línguas indígenas em gramáticas missionárias do Brasil colonial**. São Paulo, 2005. Disponível em < <https://www.scielo.br/j/delta/a/ZcQRY3mSSDKPy4ZmMzhZFyF/#>> Acesso em: 04 de abr. de 2024

CAMPOS, Carlo Sandro. **Revitalização e Retomada De Línguas : Consequências e Desafios.** Percursos Linguísticos, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/percursos/article/view/40923>. Acesso em: 19 mar. 2025.

CALVET, Louis-Jean. Sociolinguística: uma introdução crítica. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

CUNHA, Carla de Aquino. **Estudos sobre povos indígenas no ensino fundamental: contribuições para o resgate e para a valorização da identidade linguístico-cultural brasileira.** Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2023. Disponível em: <<https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/38300>> Acesso em: 27 de abr. de 2024.

DANIELLI, Tauane. **A influência do jesuíta José de Anchieta na formação do português brasileiro.** Universidade de Passo Fundo, 2016. Disponível em: <<http://repositorio.upf.br/bitstream/riupf/1411/1/PF2016Tauane%20Danelli.pdf>> Acesso em: 16 de mar. de 2024.

EDUCARD PASCHOAL. **Com a chegada de muitas tecnologias, a escola precisa se adaptar...** [online]. Disponível em: <http://www.educardpaschoal.org.br/artigo.php?id=38>. Acesso em: 21 mai. 2025.

ESPAÇO DO CONHECIMENTO UFMG. **Influência do Tupi na língua portuguesa falada no Brasil.** Espaço do Conhecimento UFMG, 2020. Disponível em: <https://www.ufmg.br/espacodoconhecimento/influencia-do-tupi/>. Acesso em: 21 maio 2025.

ETCHEVARNE, Carlos. O indígena e o europeu em Porto Seguro, Bahia: uma perspectiva arqueológica. *Revista de Arqueologia*, 2000. Disponível em: <https://revista.sabnet.org/ojs/index.php/sab/article/view/149>. Acesso em: 27 maio 2025.

ETCHEVARNE, Carlos. A ocupação humana do Nordeste brasileiro antes da colonização portuguesa. *Revista USP*, São Paulo, dez. 1999/fev. 2000. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/ISSN.2316-9036.V0I44P112-141>. Acesso em: 27 maio 2025.

FELIPE, Paulo Henrique de. **Ananguera, abacaxi, Tietê: a contribuição das línguas indígenas para o português que falamos hoje.** Blogs Unicamp, 2018. Disponível em: <<https://www.blogs.unicamp.br/linguistica/2018/02/23/ananguera-abacaxi-tiete-contribuicao-das-linguas-indigenas-para-o-portugues-que-falamos-hoje/>> Acesso em: 18 de abr. de 2025

FERREIRA, Norma S. de A. As pesquisas denominadas “estado da arte”. **Revisão & Sínteses** • Educ. Soc. 23 (79) • Ago 2002 • <https://doi.org/10.1590/S0101-73302002000300013>. Acessado em 20 de abril de 2025.

FUNDAÇÃO EDUCAR DPASCHOAL. **A presença da cultura indígena no Brasil**. Disponível em: <https://www.educardpaschoal.org.br/artigo.php?id=38>. Acesso em: 21 maio 2025.

GOIS, L.S. Marcos; MARTINS, Andérbio Márcio Silva. **O tupi antigo no português: algumas questões sobre história, identidade e ensino de linguagem**. Campinas, 2019. Disponível em <  
<https://www.scielo.br/j/tla/a/GyD9BQTZ4bnvqSF4t6LnMdm/?format=pdf&lang=p> t>  
Acesso em: 04 de abr. de 2024

ILARI, Rodolfo. *Linguística Românica*. São Paulo: Ática, 2004a.

ILARI, R. Reflexões sobre língua e identidade. **Anais do 6º Encontro Celsul – Círculo de Estudos Linguísticos do Sul**. Florianópolis/SC, 2004b. Disponível em: [https://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/CELSUL\\_VI/Palestras/Reflex%C3%B5es%20sobre%20%C3%ADngua%20e%20identidade.pdf](https://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/CELSUL_VI/Palestras/Reflex%C3%B5es%20sobre%20%C3%ADngua%20e%20identidade.pdf). Acessado em 02 de maio de 2025

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Censo demográfico 2010: características da população e dos domicílios: resultados do universo. Rio de Janeiro: IBGE, 2011.

IVO, I. **O falar caiçara: subsídios para os estudos sobre a contribuição de línguas indígenas para a formação do português brasileiro**. Estudos da Língua(gem), 2021. Disponível em: <<https://periodicos2.uesb.br/index.php/estudosdalinguagem/article/view/9139>> Acesso em: 27 abr. 2024.

LAUAND, Jean. **A “filosofia” tupi na língua e cultura brasileiras. Conferência para o dia “Dia dos povos indígenas” em reunião pedagógica dos professores da EMEF Prof. João Carlos da Silva Borges**. Feusp, São Paulo, 2024. Disponível em: <<http://www.hottopos.com/isle46/JiaoCarlosIndio%20foto.pdf>> Acesso em: 27 de abr. de 2024.

MELLO, Linalda de Arruda. *Sociedade, Cultura e Língua*. 1ª ed. João Pessoa: SHORIN, 1990.

MINISTÉRIO DA CULTURA, Fundação Biblioteca Nacional, Departamento Nacional do Livro. *A Carta de Pero Vaz de Caminha*, [s.d]. Disponível em: <[https://objdigital.bn.br/Acervo\\_Digital/Livros\\_eletronicos/carta.pdf](https://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/Livros_eletronicos/carta.pdf)> Acesso em: 16 de mar. de 2024.

MOREIRA Cristiano M. **A influência do Tupi na formação do Português do Brasil**. In: II Congresso de Letras da UERJ - São Gonçalo, 2005, São Gonçalo. Anais do II CLUERJ-SG, 2005. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/cluerj-sg/anais/ii/completos/mesas/3/cristianomarinsmoreira.pdf>. Acessado em 02 de maio de 2025.

MUSEU DA LÍNGUA PORTUGUESA, **Os Povos Indígenas e o Português do Brasil**. São Paulo, 2022. Disponível em: <<https://www.museudalinguaportuguesa.org.br/os-povos-indigenas-e-o-portugues-do-brasil/#:~:text=No%20s%C3%A9culo%20XVI%2C%20no%20territ%C3%B3rio.ind%C3%ADgenas%2C%20que%20somam%20896.917%20pessoas>> Acesso em: 04 de abr. de 2024.

MUSEU DAS CULTURAS INDÍGENAS (São Paulo). *Yvy Opata: a terra vai acabar*. São Paulo: MCI, 2024. Disponível em: <https://museudasculturasindigenas.org.br>. Acesso em: 27 maio 2025.

MODELLI, Laís. **Herança do Tupi presente no português falado no Brasil**. DW, 2022. Disponível em: < <https://www.dw.com/pt-br/curitiba-ubatuba-pipoca-chorar-as-pitangas-o-tupi-presente-no-portugu%C3%AAs-falado-no-brasil/a-60874458>> Acesso em: 04 de abr. de 2024

NAVARRO, Eduardo de Almeida. **A BUSCA DA INTEGRAÇÃO HUMANA DO ÍNDIO NA PRIMEIRA GRAMÁTICA DA LÍNGUA QUÊCHUA**. Língua e Literatura, 1998.

NAVARRO, Eduardo de Almeida. **Método moderno de tupi antigo: a língua do Brasil dos primeiros séculos**. . São Paulo: Global, 2006. . Acesso em: 27 maio 2025.

NAVARRO, Eduardo de Almeida. **O último refúgio da Língua Geral no Brasil**. *Estudos Avançados*, São Paulo, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/jpgHfzMs3Nhksmy8ftsy9qm/>. Acesso em: 21 maio 2025.

NAVARRO, Eduardo de Almeida. Os topônimos com a posposição tupi -pe no território brasileiro. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, Belém, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bgoeldi/a/sWBMMy5cG3KHqHr8v5jN7TQQ/?format=pdf>. Acesso em: 21 maio 2025.

OLIVEIRA, Louise. 21 palavras de origem indígenas que usamos no dia a dia e você nem notou. Dicio, Dicionário Online de Português, 2024. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/palavras-de-origem-indigena-que-usamos-muito/>> Acesso em: 18 de abr. de 2025

PACHECO, Denis. *Arte rupestre pode ajudar a entender como linguagem humana evoluiu*. *Jornal da USP*, 2018. Disponível em: <https://jornal.usp.br/ciencias/ciencias-humanas/arte-rupestre-pode-ajudar-a-entender-como-linguagem-humana-evoluiu/> Acesso em: 10 de mar. de 2024.

PONTES, Gustavo. Línguas indígenas, missionários e dominação colonial: o catecismo da doutrina cristã na língua brasileira da nação kiriri. *Blog da BBM*, 2021. Disponível em: < <https://blog.bbm.usp.br/2021/linguas-indigenas->

[missionarios-e-dominacao-colonial-o-catecismo-da-doutrina-christaa-na-lingua-brasilica-da-nacao-kiriri/](#)> Acesso em: 04 de abr. de 2024

POVOS INDÍGENAS DO BRASIL: Línguas. Instituto Socioambiental, 2023. Disponível em: < <https://pib.socioambiental.org/pt/L%C3%ADnguas> > Acesso em: 04 de abr. de 2024

PREFEITURA MUNICIPAL DE PARNAMIRIM. Aquisição de materiais – Almoxarifado Municipal. [Parnamirim, RN]: Prefeitura Municipal de Parnamirim, [s.d.]. Disponível em: <<https://almoxarifado.parnamirim.rn.gov.br/newsItem.jsp?p=12787>>. Acesso em: 20 de mai. de 2025.

REZENDE, Tânia Ferreira; LIMA, Hildomar José de; SILVA, Valdilene Elisa da. Rearticulação do imperialismo linguístico sobre a diversidade linguística indígena. *Revista X*, Curitiba, 2019. Disponível em: < <https://revistas.ufpr.br/revistax/article/view/67359> > .Acesso em: 21 maio 2025.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna.. Línguas indígenas brasileiras. Brasília: Laboratório de Línguas Indígenas da UnB. 2013. Disponível em <http://www.laliunb.com.br/>. Acessado em 20 de abril de 2025.

RODRIGUEZ, Luciah. **A língua e a cultura**. In: Fundação Educar DPaschoal. *Online*. S.d. Disponível em: <http://www.educardpaschoal.org.br/artigo.php?id=38#:~:text=Com%20a%20chegada%20de%20muitas,e%20nela%20se%20fez%20presente>. Acessado em 02 de maio de 2025.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: formação e sentido**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SANTOS, César Alexandre Néri. Contribuições da linguística histórica aos estudos toponímicos brasileiros. MACABÉA – REVISTA ELETRÔNICA DO NETLLI, CRATO, 2019, p. 453-472. Disponível em:<<https://core.ac.uk/download/pdf/230133453.pdf>> Acesso em: 27 de abr. de 2024.

SANTOS, Jônatas de Azevedo. A influência do tupi na linguagem popular referente ao meio ambiente do litoral sul de Pernambuco, Brasil. *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*, 2017. Disponível em: <https://scispace.com/pdf/a-influencia-do-tupi-na-linguagem-popular-referente-ao-meio-4uf9yy7vbi.pdf>. Acesso em: 21 maio 2025.

SILVA, Larissa Tunes da. Sobre a influência do contato linguístico na formação do Português do Brasil: contribuições do Centro-Oeste. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Letras Inglês)—Universidade de Brasília, 2017. Disponível em:<<https://bdm.unb.br/handle/10483/19901>> Acesso em: 27 de abr. de 2024.

SILVEIRA, Tamires Batista. Influência do Tupi na língua portuguesa falada no Brasil. UFMG, 2020. Disponível em <<https://www.ufmg.br/espacodoconhecimento/influencia-do-tupi>> Acesso em: 04 de abr. de 2022

SIMAS, Hellen Cristina Picanço. As línguas indígenas do Brasil: uma proposta de planejamento linguístico. Revista Grial, Santiago de Compostela, 2023. Disponível em: <https://edoc.ufam.edu.br/handle/123456789/7325>. Acesso em: 27 maio 2025.

SIMÕES, Ricardo Santos; MATTOS, Leandro Sabará. Dicionário dos principais termos indígenas (Tupi – Guarani) necessários ao estudo da História do Brasil. Disponível em: <<https://anatomia-papel-e-caneta.com/wp-content/uploads/2019/04/Dicon%C3%A1rio-tupi-guarani.pdf>> Acesso em: 04 de abr. de 2024

SOARES, Ivonete Nink; ROCHA, Patrícia Graciela da Rosa. Políticas linguísticas: entre a cooficialização das línguas indígenas e a assimilação cultural. *Organon*, Porto Alegre, 2023. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/386496595\\_POLITICAS\\_LINGUISTICAS\\_ENTRE\\_A\\_COOFICIALIZACAO\\_DAS\\_LINGUAS\\_INDIGENAS\\_E\\_A\\_ASSIMILACAO\\_CULTURALSEOBALAP+3](https://www.researchgate.net/publication/386496595_POLITICAS_LINGUISTICAS_ENTRE_A_COOFICIALIZACAO_DAS_LINGUAS_INDIGENAS_E_A_ASSIMILACAO_CULTURALSEOBALAP+3). Acesso em: 21 de maio de 2025

TUKANO, Daiara. *Nhe'e Porã: Memória e Transformação*. Museu da Língua Portuguesa, 2023. Disponível em: <<https://www.museudalinguaportuguesa.org.br/memoria/exposicoes-temporarias/nhe-e-pora-memoria-e-transformacao/#:~:text=Nhe'%E1%BA%BD%20Por%C3%A3%3A%20Mem%C3%B3ria%20e%20Transforma%C3%A7%C3%A3o%20prop%C3%B5e%20ao%20p%C3%ABlico%20uma,e%20compreender%20a%20exist%C3%Aancia%20humana.>>> Acesso em: 21 de mar. de 2025.

## AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Jackson Cícero França Barbosa, meu orientador, por ver potencial em minha pesquisa e me encorajar a seguir em frente, mesmo quando eu ainda não via a luz no fim do túnel. Obrigada por segurar em minha mão, acreditar em mim e me mostrar o caminho.

Ao meu esposo, Anderson Aguiar, por todo companheirismo, paciência, carinho e suporte.

A minha mãe, Maria do Desterro, por todo o apoio, auxílio e presença constante, dando-me força.

Às professoras, Iara Ferreira de Melo Martins e Anilda Costa Alves, por aceitarem a leitura e o exame deste trabalho. Por, também, serem referência de profissionais em minha jornada formativa.

Aos professores do Curso de Graduação em Letras da UEPB que contribuíram por meio de sua didática e humanidade para o meu desenvolvimento acadêmico.

Aos funcionários da UEPB, pela presteza e atendimento quando nos foi necessário.

Aos colegas de classe, em especial, Josiele Sousa, Maria Jamile e Laiza Gualberto pelos momentos de amizade e apoio.

À mim mesma, por ter unido forças e ter me levantado, me matriculando no curso superior que me ajudou a superar boa parte das adversidades da vida, me permitindo evoluir e ser uma pessoa diferente e melhor.